

O passado é um labirinto

ESPECTADOR COMPROMETIDO



Por: José Lapa

... então, esta vida secreta, temos a sensação de a fechar dentro de nós

A minha avó tinha um quarto escuro, improvisado por debaixo de umas escadas, onde o tempo era marcado pelos sinos da igreja próxima, com manchas de humidade na parede cujo recorte me avivavam a imaginação, pejado de retratos dos meus antepassados. Este era o meu quarto de férias, onde expiei paixões de adolescência, construí utopias, imaginei futuros reconfortantes, planeei presentes. Ainda hoje sou capaz de mapear todo aquele pequeno espaço ao mais ínfimo pormenor, dizer da

intensidade da luz escassa dos raios de sol ali permitidos, declarar o silêncio, sentir o eflúvio característico. Enfim, recriar aquele halo mágico. Tudo isto me veio à memória, quando reli o prefácio de Proust para "Sésame et le lys", de John Ruskin.

Poucos conseguem recriar o halo mais sentido na memória, como Proust:

«Só me sinto feliz quando penetro numa dessas residências de província onde os quartos conservam um perfume a fechado que o ar que entra lava, mas não elimina; onde à noite, ao abrir-se a porta do meu quarto, se tem o sentimento de violar toda a vida que ali ficou esparsa, de a levar ousadamente pela mão quando, fechada de novo a porta, se avança mais, até à mesa ou até à janela, de nos sentarmos numa espécie de livre promiscuidade com ela no canapé executado pelo mestre tapeceiro local no que ele julgava ser o gosto de Paris, tocar por toda a parte a nudez desta vida sem o designio de nos deixarmos perturbar pela sua própria familiaridade, fazendo de dono na casa daquele quarto cheio até ao cimo da alma dos outros e que conserva até na forma da grelha da lareira e no desenho dos cortinados a marca dos seus sonhos, caminhando descalço no tapete desconhecido; então, esta vida secreta, temos a sensação de a fechar dentro de nós quando, trémulos, vamos abrir o fecho; de a empurrar à nossa frente para a cama e, enfim, ir dormir com ela nos grandes

lençóis brancos que sobem para a cara, enquanto ali ao pé a igreja toca para toda a cidade as horas de insónia dos moribundos e dos apaixonados.»

O Passado é um labirinto

«O passado é um labirinto e estamos nele, um passado não tem cronologia senão para os outros, os que lhe são estranhos» (Vergílio Ferreira: Estrela Polar, 1961). Vamos desfolhando memórias, como pétalas, num pranto de palavras, num espanto de emoção e verbo em carpe diem soletrado. Percorremos esses corredores de dédalo procurando-nos vivos e felizes. Despimo-nos dos dias, das horas, dos minutos, de todas as tralhas temporais que já não interessam. Despedimo-nos das angústias, sentimo-nos passageiros vagueando pela solidão, pelo silêncio. Nesse labirinto há imagens fragmentárias com o que ficou do trajecto percorrido, um álbum que se desfolha com deleite, onde não interessa deixar o rasto dos subúrbios da alegria, porque só esta interessa. Aqui recordo a "morte de Rimbaud", dita por Al Berto (20/11/1996): «de nada me serviria inventar outra vez o rio das palavras, de nada me serviria saber a geometria exacta dos cristais, ou redesenhar o corpo e aperfeiçoá-lo». De nada, com efeito. Mas, a perfeição, ou a sua ambição, já não corre neste labirinto, porque «é tão breve esta eternidade» (V.F. Conta-Corrente IV).

O terrível fardo de uma guerra sem fim



Por: Vanda Batista

Há muito que o ensimesmamento começou a dominar o comportamento humano. Os conflitos mundiais agora em curso são, infelizmente, o reflexo daqueles que umbilicalmente transportam as heranças do totalitarismo e do colonialismo. Agendas de egocentrismos despoletam conflitos onde são vítimas crianças, mulheres e homens. Meros escudos humanos utilizados como armas de guerra que apenas alimentam legados de ódio. Tudo é permitido em nome da guerra e parece que nada é permitido fazer

em nome da paz. Estranho, no mínimo. Ouvimos comentadores a defender o indefensável, a encontrar argumentos que justifiquem atos, a dizer inclusive que não existem provas de crimes de guerra. Importa recuperar o art.º 8º do Estatuto de Roma que nomeia os crimes de guerra. Dos mesmos sobressaem, de entre outros, a tortura; a destruição de bens em larga escala sem justificação militar; ataques intencionais a população civil não envolvida em hostilidades; tomada de reféns; eliminação ou ofensas corporais de combatentes desarmados ou que se tenham rendido; deportações de populações; ataques intencionais a serviços essenciais como escolas, hospitais e locais de culto; uso de armas venenosas; saques de cidades; uso de armas destinadas a causar sofrimento desnecessário; alistamento de menores de 15 anos; privação da população de bens necessários à sua sobrevivência. O certo é que vidas de sofrimento estão confinadas na Faixa de Gaza, onde quase metade das mais de 2 milhões de pessoas são crianças. Conforme referiu em 2021 o secretário-geral da ONU, António Guterres, «Se há um inferno na terra, está na vida das crianças em Gaza». Assim vivem desde que nasceram até à sua precoce morte. Infelizmente, regressa também a mais antiga arma de guerra a violação sexual das mulheres. Mulheres

jovens, mulheres menos jovens, mulheres grávidas, mulheres indefesas, todas servem para satisfazer o lado animalesco dos perpetradores. Vale tudo nesta guerra entre Israel e o Hamas, onde, independentemente dos lados, não há leis. Sentimentos como repúdio ou empatia devem ser alicerçados no conhecimento. Importa perceber e recuperar a ancestralidade dos factos. A Cisjordânia e Gaza, conhecidas como territórios palestinos, bem como Jerusalém Oriental e [Israel](#), fizeram parte de uma terra conhecida como Palestina desde a época romana até meados do século 20. Um território há muito esquartejado e sujeito aos interesses do colonialismo. Hannah Arendt, pensadora alemã e judia que muito admiro, escreveu intensamente sobre esta temática, mas não foi ouvida. Alegou em diferentes momentos e por diversas vezes, que era um grande erro formar um Estado judeu ignorando a presença dos povos árabes. A política, defendia Hannah Arendt, não é o espaço do amor, mas do respeito e do diálogo. Ambos faltaram, apenas por se achar que não seria necessário fazer acordos. Em 1945 escreveu que «um lar onde o meu vizinho não reconheça e respeite não é um lar, mas uma ilusão». A grande ilusão foi não acreditarem que não existiriam grandes conflitos ao dividir um território tão pequeno. Despeço-me com amizade e gratidão.

LAMEGO: REQUALIFICAÇÃO TRANSFORMA BAIRRO DA PONTE EM APRAZÍVEL ZONA RIBERINHA

O histórico Bairro da Ponte, na cidade de Lamego, ganhou uma zona ribeirinha mais aprazível e um renovado ponto de ligação ao Rio Balsemão. As obras de requalificação que tiveram como objetivo dar maior atratividade turística e gerar novas dinâmicas nesta zona já foram concluídas e prevê-se que, a partir da próxima Primavera e Verão, esteja à disposição de todos aqueles que querem usufruir deste espaço nobre, com uma vista desafogada sobre o rio.

O local conta agora com espaços de lazer e refeição, nomeadamente um bar com esplanada, instalações sanitárias e balneários. Os visitantes também têm à disposição, pela primeira vez, uma zona de merendas, um parque infantil e um campo de jogos.

"Com esta intervenção, concretizamos o sonho de muitos moradores do Bairro da Ponte e devolvemos aos lamecenses um espaço público melhorado e muito mais valorizado, que se encontrava ao



abandono, e está agora perfeitamente integrado com a área envolvente. Este novo Parque de Lazer é uma mais-valia para este território.

Era urgente reaproximar esta comunidade do rio, criando uma zona de fruição que será determinante para dinamizar o turismo local e dar uma nova vida

a esta zona histórica", destaca Francisco Lopes, presidente da Câmara Municipal.

O investimento do Município de Lamego na requalificação da zona ribeirinha do Bairro da Ponte foi de 789.494,34 euros +IVA, contando com o apoio de fundos comunitários, através do Programa de Valorização Eco-

nómica dos Recursos Endógenos (PROVERE), financiado pelo NORTE 2020.

O novo parque também incentivará o gosto dos moradores e dos visitantes pelo contacto com a natureza, pelo desporto ao ar livre, pela preservação do património natural e pela sensibilização ambiental.

MANGUALDE VAI TER 550 LUGARES DE ESTACIONAMENTO INTELIGENTE

O centro da cidade de Mangualde vai ter um dos maiores projetos de estacionamento inteligente do país, com 550 lugares sensorizados, num investimento superior a 300 mil euros. Os trabalhos do "Smart Parking", cujos trabalhos já arrancaram, têm como objetivo implementar um sistema de informação de mobilidade urbana em tempo real. O projeto, que deverá ficar concluído no final de novembro, contempla a colocação de sensores em lugares individuais e parques de estacionamento e a instalação de painéis com a informação da disponibilidade dos lugares.

"É um projeto que vai facilitar muito a vida dos cidadãos, que coloca Mangualde na linha da frente no que diz respeito a soluções tecnológicas e digitais, em direção a um território inteligente e sustentável", afirma o



presidente da Câmara de Mangualde, Marco Almeida.

Será ainda criada uma plataforma que vai concentrar e gerir toda a informação sobre a ocupação dos cerca de 550 lugares. A disponibilidade de estacionamento será facultada aos cidadãos através de uma aplicação para telemóvel (app).

"O facto de os cidadãos deixarem de andar à procura de lugar para estacionar os veículos, poupa-lhes tempo e dinheiro e contribuímos para a neutralidade carbónica, tornando o território mais competitivo e atrativo", considera Marco Almeida.

O investimento do "Smart

Parking" de 319 mil euros é cofinanciado em 85 por cento pelo FEDER, no âmbito das Smartcities, enquadrado no Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano da Cidade de Mangualde.

No futuro, as zonas pagas vão manter-se as mesmas, sem qualquer alteração.